

**PALAVRAS METAFÓRICAS MONOICAS:  
TÓPICO E VEÍCULO IMPLÍCITOS?**

*Reginaldo Nascimento Neto* (UFT)

[nadynhu@ifma.edu.br](mailto:nadynhu@ifma.edu.br)

*José Armando da Silva* (UFT)

[facodireitoagora@gmail.com](mailto:facodireitoagora@gmail.com)

**RESUMO**

Este artigo pretende discutir brevemente se o processamento cognitivo da metáfora, por meio de um mecanismo de associação, inferências, comparação e identificação criativa do pensamento a um gabarito mental, pode ser responsável pelo uso e menção de palavras metafóricas monoicas amalgamando tópico e veículo de forma unirreme e implícita, isto é, sem externá-los. Para tanto, parte-se de um vislumbre histórico sobre os conceitos de metáfora concebidos por Aristóteles(1996), Ivor Armstrong Richards(1936), Max Black (1993), John Searle (1993) e George Lakoff & Mark Johnson (2002) para se demonstrar que os elementos essenciais da metáfora, diversamente reconhecidos dependendo do autor como tópico e veículo, Frame e foco, domínio alvo e domínio fonte, S é P e S é R, ou tipo e antítipo, podem ocorrer na esfera do pensamento e produzir palavras metafóricas, percebidas ou não como tal, que se manifestam de forma monoica ao invés de na sentença como advoga o interacionismo. Em seguida, apresenta-se um estudo etimológico de palavras metafóricas monoicas com sufixos *oidé*, ou *oidal*, e outras. As conclusões a que se chegam é que no processo de onomasiologia, como revela o estudo da etimologia, em muitos casos, o uso da metáfora funde em uma só palavra o tópico e o veículo.

**Palavras-chave:** Metáfora. Cognitivismo. Interacionismo.

*Metáforas podem ser criadas a partir de metáforas.*

(PINKER, 2002, p. 378)

## **1. Introdução**

O fascínio humano por desbravar as dimensões que se supõem existirem além de cada fronteira já conhecida impulsiona o homem a concebê-las virtualmente pela imaginação. Esses campos agregam-se a seu sistema conceitual e criam novas realidades baseadas em suas experiências de mundo. Conceitos emergentes, conforme George Lakoff & Mark Johnson (2002, p. 210 e 245), baseiam-se na constante interação com o mundo físico.

Essa ideia de conceitos emergentes tem se manifestado nas produ-

ções artísticas a cada limiar dimensional, como por exemplo, *o mar* motivou a publicação dos livros *Moby Dick* de Herman Melville em 1851, *O Velho e o Mar* de Ernest Hemingway em 1951, *Mar Sem Fim* de Amyr Klimk em 2000, e *À Procura de um Navio* por John McPhee em 1990; o fundo do mar inspirou Júlio Verne a escrever o livro *Vinte Mil Léguas Submarinas* – 1869, e a Irwin Allen com o filme *Viagem ao Fundo do Mar* – 1961, as terras além-mar, *Robinson Crusóé* de Daniel Defoe em 1719, *A Terra Desolada* de T.S. Eliot em 1922; o espaço estelar, *Star Trek* de Gene Roddenberry – filme de 1966, *Perdidos no Espaço* de Irwin Allen – filme de 1965, *Da Terra à Lua* – Julio Verne – 1865, *Os Primeiros Homens na Lua* – H.G.Wells – 1901, *o tempo*, *A Máquina do Tempo* – H.G. Wells – 1895, *O Túnel do Tempo* – Irwin Allen – filme 1966; o íntimo humano, *O Retrato de Dorian Gray* – Oscar Wilde – 1890, *O Eu Profundo e os Outros Eus* – Fernando Pessoa – s.d., *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e o Sr. Hyde* – 1886, *o Médico e o Monstro*, e a sociedade, *As Viagens de Gulliver* – Jonathan Swift –1892, e *O Capital* de Karl Marx em 1867.

Dessa forma, pareceria ingênua a concepção de que haja uma última fronteira a se desbravar. No entanto, o cérebro tem sido considerado como essa última instância que convida ao descortinamento. Obviamente, a palavra *última* aqui empregada se refere à mais imediata esteira à frente, e não ao sentido de final. De acordo com Raul Marino Jr. (2005, p. 30), o cérebro humano foi engendrado com funções elevadas e complexas como os sentidos, o pensamento concreto e abstrato, a memória, a fala, a linguagem etc.

Foi Alcmeon – séc. V a.C. – quem primeiro concebeu ser o cérebro o órgão da mente, do pensamento e da memória (cf. MARINO JR., 2005, p. 20), no entanto, um século mais tarde, Aristóteles mantinha a visão cardiocêntrica, isto é, que o coração era a sede do intelecto. Esse conceito, embora equivocado, cristalizou-se na etimologia da expressão *de cor* ou em inglês, *know by heart* – saber de coração, ou seja, faz-se inferir que o coração seja a indústria da memória.

No entanto, atualmente, há abundante evidência científica de que é o cérebro o centro de controle do pensamento, da cognição, da linguagem entre outros. Assim, este artigo parte do pressuposto de que o processamento da linguagem, especialmente das metáforas é uma ação mental. Segundo Steven Pinker (2005, p. 32), *a mente é o cérebro que faz*, e George Lakoff & Mark Johnson (2002) dizem que as metáforas são o fundamento do pensamento e das ações:

A metáfora está infiltrada no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. [...] Nossas experiências e atividades são metafóricas por natureza e nosso sistema conceptual é estruturado pela metáfora. (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 45 e 245)

Portanto, tomando a declaração de Max Black (1993, p.30), de que "a metáfora é a ponta submersa de um modelo", então, poderiam tópicos e veículo estarem imbricados em uma só palavra, resultante da composição prévia mental e não se manifestarem na sentença? Buscar-se-ão doravante respostas a esta problemática, pois segundo Kitay (1987, p. 22-23, *apud* FOSSILE, 2015, p. 16), "metáforas são sentenças, não palavras isoladas; consistem de dois componentes em tensão", e também entende "ser possível identificar nelas tópico e veículo".

## 2. Algumas contribuições das teorias sobre metáfora

A trajetória cronológica seguida pela evolução dos conceitos sobre metáfora tem seu *ἀρχή* – *arqué* ou princípio *ab ovo*, conforme Rosa Lídia Coimbra (1999, p. 13) em Aristóteles no século IV a. C., e continua suscitando interesse dos estudiosos das áreas da psicologia, filosofia e da linguística.

Urge, a esta altura, compreender a etimologia da palavra *metáfora*, pois, no mesmo parecer de Virgílio, em *Geórgica* p. 2.490, *Felix qui potuit rerum cognoscere causas*, "é feliz aquele que pôde conhecer as causas das coisas". A palavra *metáfora* é oriunda do grego *μεταφορά* e é composta pelos radicais *μετα* – *meta*, que significa para fora ou mais adiante, e *φέρειν* – *pherein*, que implica em transladar, levar ou conduzir, esse sentido se mantém nas palavras *teleférico* – (conduzir para longe) e em *euforia* – (boa condução). Nos ônibus da Grécia moderna ainda se pode ler a inscrição *μεταφορεῖν* com sentido fossilizado de transportar passageiros de um lugar para outro. Assim, *metáfora* designa transladar para mais além, ou para outro lugar. Portanto, para Aristóteles (1996) "metáfora é a transferência do nome de uma coisa para outra".

Oliver Reboul (2004, p. 122) dá eco ao conceito aristotélico ao reverberar que "metáfora designa uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança" e acrescenta: "semelhança de relações entre termos heterogêneos". Seu exemplo para explicar e validar essa "semelhança de relações", Oliver Reboul (2004, p. 185) evoca o postulado matemático na equação  $a/b = c/x$ ; logo  $x=bc/a$ . Se  $2/3 = 10/x$ ,

$x=15$ , assim diz que "os quatro termos são diferentes, mas suas relações são idênticas".

Os conceitos sobre metáfora evoluíram e a cada novo estudo foram agregados novos postulados ampliando a visão sobre esse fenômeno linguístico até então impossível de ser reproduzido por máquinas e computadores, a saber: a metáfora. Abaixo elencam-se algumas dessas contribuições que deserdaram a concepção clássica de função meramente ornamental e substitutiva, no entanto, percebe-se que o conceito de "uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança", fruto de um sistema associativo da mente permanece.

<b>Autor</b>	<b>Postulados</b>
Aristóteles Teoria clássica	<p>A metáfora é a transferência do nome de uma coisa para outra. Está contida na retórica. (COIMBRA, 1999, p. 4)</p> <p>A ausência do termo comparação na metáfora não implica que metáfora seja uma comparação abreviada, mas, ao contrário, que a comparação é uma metáfora desenvolvida. A comparação diz: "isto é como aquilo", a metáfora diz: "isto é aquilo". Toda metáfora é uma comparação implícita. Metáfora é a substituição de um termo por outro. (RICOEUR, 2000, p.37 e 46)</p> <p>A metáfora empresta palavras para preencher vãos, apresenta sentidos impróprios; é ornamental e, não acrescenta novos conhecimentos. (RICOEUR, 2005, p. 79-81). Chama de endoxa o conjunto de opiniões partilhadas pelos membros de uma mesma comunidade de falantes e que, posteriormente, é vestida com a roupagem de <i>sistema de lugares comuns por Black (1962 p. 293)</i>. [...]lugares comuns associados [...] de uma maneira parcialmente dependente do contexto do uso metafórico, determina um conjunto do que Aristóteles chamou de <i>endoxa</i>. (BLACK, 1993, p. 28)</p>
Ivor Armstrong Richards (1936) Teoria interacionista	<p>A visão interacionista contrapõe à tradicional substitutiva. (BLACK, 1993, p. 27). Traz uma nova visão da retórica como teoria e pensamento do discurso (RICOEUR, 2005, p. 123). Rompeu com o verbo-centrismo de Aristóteles. <i>O sentido da frase não deriva do sentido da palavra, mas da frase toda</i>. (RICOEUR, 2005, p. 126)</p> <p>A metáfora mantém dois pensamentos heterogêneos simultaneamente, assim produzindo interação entre eles. A metáfora nasce no uso. O uso é governado e produzido pelo pensamento, sendo assim, a metáfora é um instrumento do pensamento. Enfatizou o caráter binário da metáfora designando-os de tenor e veículo. Os conceitos e não as palavras é que são a argamassa da metáfora. Falava em dicotomia entre linguagem e pensamento, dando ênfase ao pensamento, mas não os conjugando. (MOURA, 2008, p. 182)</p>
Max Black (1962) Teoria interacionista complementar. (BLACK, 1993, p. 19)	<p>A metáfora gera o novo e o criativo e pode produzir leituras conflitantes e diferentes (BLACK, 1993, p. 24). Fala em sistema de lugares comuns. (BLACK, 1962, p. 293). Condição binária da metáfora sendo assunto primário e assunto secundário. (BLACK, 1993, p. 28). A metáfora está baseada em uma similaridade e analogia. (<i>Idem</i>, p. 30). A conexão de elementos na condição binária para a produção da metáfo-</p>

	ra, suprime alguns detalhes e acentua ou acrescenta outros. (RICOEUR, 2000, p. 129 e 130). Mesmo embora não se declare cognitivista fala em Insight e em operação intelectual irreduzível.
John Searle (1993) – Teoria pragmática	A metáfora foca-se na distinção entre SS significado da sentença e SF significado do falante. (MOURA, 2009; FOSSILE, 2015). A metaforicidade encontra-se no SF. Evoca a intencionalidade do falante. Sustenta que as palavras mantêm seu sentido literal. Searle (1993, p. 84) faz emergir na metáfora os conceitos de condições de verdade.
Lakoff & Johnson Teoria cognitiva	A metáfora não é fenômeno exclusivamente linguístico, mas cognitivo. Os processos imanentes do cérebro funcionam metaforicamente. Esses processos do sistema de implicações geram inferências e cognição. A metáfora é conceitual e faz parte imanente do sistema ordinário do pensamento e da linguagem. Portanto, a metáfora é uma projeção mental. (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 45 e 245)

**Quadro comparativo de algumas contribuições das teorias sobre metáfora**

**3. O caráter binário da metáfora**

Ao se observar em perspectiva as correntes e vieses teóricos acima sobre a metáfora, parece haver uma homologação, ainda que geral entre elas. Percebe-se que a condição binária expressa na sentença é *sine qua non* para a compreensão da metáfora. Para Aristóteles, a ideia de analogia e substituição ancoravam-se em que "dados os termos A está para B tal como C está para D, podemos substituir A por C e vice-versa" (COIMBRA, 1999, p. 4), dessa forma então, A é C. Haveria, então, dois elementos minimamente essenciais na urdidura da metáfora.

Também, Ivor Armstrong Richards, (1936) enfatizou o caráter binário supostamente explícito da metáfora designando-os de tenor e veículo, enquanto Max Black (1993) fala de assunto primário e secundário:

*In the context of a particular metaphorical statement, the two subjects "interact" in the following ways: a) the presence of the primary subject incites the hearer to select some of the secondary subjects' properties and b) invites him to construct a parallel implication complex that can fit the primary subject; and, c) reciprocally induces parallel changes in the secondary subject.*

No contexto de uma declaração metafórica particular, os dois assuntos "interagem" da seguinte maneira: (a) a presença do assunto primário incita o ouvinte a selecionar alguma das propriedades do assunto secundário; e (b) convida-o a construir uma implicação complexa paralela que possa se ajustar ao assunto primário; e (c) reciprocamente induz mudanças paralelas no assunto secundário. (BLACK, 1993, p. 28. Grifos nossos)

Para John Searle, (1993), de acordo com Ingrid Finger (1996), há

dois também há dois elementos que integram uma metáfora. Trata-se da existência binária de SS – significado da sentença e SF – significado do falante na composição da metáfora: "o que ocorre é que o falante situa o objeto S dentro da classe definida pelo conceito de P e, nesse caso, o *significado da sentença* e o *significado do proferimento* são exatamente o mesmo. (FINGER, 1996, p. 52)

Ainda nessa mesma corrente de proferimentos, Dieysa Kanyela Fossile (2015, p. 14) menciona que "a interpretação de uma sentença metafórica exige a presença de *dois elementos* que formam a metáfora: o tópico e o veículo". Estes dois integrantes da metáfora seriam respectivamente "a entidade da qual se fala e que predica algo sobre o tópico. Isto é", o tópico é o elemento do qual se fala e o veículo é o que o predica.

Paul Ricoeur (2000, p. 129) e Dieysa Kanyela Fossile (2015, p. 36-37) dizem que na metáfora, "a unidade semântica deixa de ser apenas palavra para tornar-se a frase toda. Duas coisas diferentes e simultaneamente ativas".

Paul Ricoeur (2000, p. 130) deixa mais clara essa exigência binária explícita quando diz que: "A presença simultânea do conteúdo e do veículo e sua interação é que dão origem à metáfora; desde então o conteúdo não permanece imutável, como se o veículo fosse apenas uma vestimenta ou ornamento".

Max Black (1993, p. 19) faz

uma tentativa de ampliar a formulação original, explicando os fundamentos das metáforas de interação, filtragem e triagem a fim de entender como as declarações metafóricas funcionam e também sugere relações no campo das semelhanças e analogias no intuito de lançar luz sobre as conexões entre metáforas e modelos,

no entanto, demonstra apenas mecanismos sintáticos externos frustrando a expectativa criada quando sublima uma veia cognitivista na declaração de que "toda metáfora é a ponta submersa de um modelo". (BLACK, 1993, p. 30)

Se "a metáfora faz parte imanente do sistema ordinário do pensamento e da linguagem" (LAKOFF & JOHNSON, 2002) e as representações semânticas na mente/cérebro são inatas e universais (CHOMSKY, 2005 p. 316/317), como apoia Steven Pinker (2005, p. 43), ao declarar: "a mente possui uma estrutura inata complexa, uma estrutura universal da mente não é só logicamente possível, mas provavelmente verdadeira; então, a mente pensa suas metáforas em mentalês",

[...]as sentenças em uma língua falada são juncadas de artigos, preposições, sufixos de gênero e outros condutores gramaticais. Eles são necessários para ajudar a obter informações de uma cabeça para outra via boca e ouvido, um canal lento, mas não são necessários no interior de uma única cabeça, onde as informações podem ser transmitidas diretamente por grossos feixes de neurônios. Assim as declarações em um sistema de conhecimento não são sentenças em inglês, e sim inscrições em uma linguagem de pensamento mais rica, o "mentalês". (PINKER, 2005, p. 82)

#### **4. O mecanismo cognitivo da metáfora**

Obviamente, pensar é competência inata da mente, mas, a experiência de vida, o aprendizado, um sistema de lugares comuns, ou a endoxa são elementos importantes e estruturais em como a mente constrói seus filtros de arbítrios para moldar o pensamento.

É evidente que a linguagem é o resultado da inter-relação de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Podemos conceber o estado inicial como um sistema de aquisição da linguagem, que toma a experiência como *input* e fornece a linguagem como *output* – um *output* que é internamente representado na mente/cérebro<sup>38</sup>. (CHOMSKY, 2005, p. 31)

A mente é um platô fotográfico e está constantemente captando imagens e conceitos enquanto os armazena na memória. Pela lei da associação e da metáfora, a mente pode visualizar tudo que está ligado a um símbolo (WERE, 1979, p. 30-31). Peirce (2005) acreditava num sistema de representações associativas ao pensamento, pois diz que "tudo aquilo que for totalmente incomparável a alguma outra coisa é totalmente inexplicável porque a explicação consiste em colocar as coisas sob leis gerais ou sob classes naturais", e que

Finalmente, nenhum pensamento presente concreto tem significado algum, valor intelectual algum, pois estes residem não naquilo que é realmente pensado, mas naquilo a que este pensamento pode ser conetado numa representação através de pensamentos subsequentes de forma que o significado de um pensamento é, ao mesmo tempo, algo virtual. (PEIRCE, 2005, p. 272)

Como então funcionam as metáforas? Como ela faz associações e habilita a enunciação? Encontram-se aqui duas perguntas para as quais as respostas afiguram-se extremamente complexas e ainda inatingíveis.

Considerando-se que "a mente é um sistema primorosamente or-

---

<sup>38</sup> Mente/cérebro aqui assume o conceito de (PINKER, 2002, p. 75) *de que a mente é o cérebro em atividade*.

ganizado; e realiza proezas notáveis que nenhum engenheiro é capaz de duplicar" (PINKER, 2002, p. 33), como perscrutar tamanha complexidade neural?

Sabe-se como visto acima, que a mente é a fábrica das metáforas e da linguagem, e emprega como matéria-prima as experiências vividas, e a aquisição da linguagem. Os estudos do fisiologismo cerebral humano investigam a relação complexa existente entre a tessitura de redes de comunicação neural, processadas pelas sinapses, e as funções mentais superiores.

Para fins de simplificação, a aparência de um neurônio, observado em um microscópio eletrônico, pode ser comparada a um ovo frito visto de cima e que tem, ao longo de todas as suas bordas, ramos encrustrados, de onde irrompem centenas de raízes finas como brotos de feijão. No entanto, de uma das margens, alonga-se uma cauda semelhante a uma amarra ou tira de salsichas seguida por mais centenas de estirpes como filamentos desgrenhados.

Por meio da descrição metafórica acima pretende-se fazer visualizar uma célula nervosa composta essencialmente por três regiões responsáveis por funções específicas: o pericário ou corpo, os dendritos – do grego *δενδρον*/*déndron* = árvore – que são curtos, ramificam-se profusamente, e foram desenhados para receber estímulos elétricos que excitam a membrana; e os axônios, – do grego *αξον*/*áxon* = eixo – um filamento único, porém, maior que os dendritos, e servem como transmissores. Neles há um cone de engate, um túbulo condutor e um bastão terminal por onde o axônio entra em contato com os outros neurônios vizinhos para partilhar informações.

O sistema nervoso é composto por um conjunto complexo de neurônios que interagem para partilhar informações conectando-se uns aos outros por meio do processo denominado sinapse e formam uma rede neural.

Por meio de impulsos químicos e elétricos, as ordens cerebrais são transmitidas aos músculos, órgãos e sistemas do corpo para funções autômatas: respiração, batimento cardíaco etc., e também as de aprendizado e técnicas como andar de bicicleta, jogar tênis de mesa, ler, e assim por diante. (NASCIMENTO NETO, 2003, p. 104)

Esses impulsos elétricos contendo informação devem percorrer os nervos que chegam aos músculos, mas, ao longo do nervo, encontram resistência. "As ramificações de um neurônio não estão sempre em perfeita

conexão com as fibras do outro neurônio". (FAYARD, 1975, p. 97)

Assim, quando o cérebro emite um impulso, há resistência no meio do caminho, retardando a velocidade e precisão na performance de obediência corporal, no entanto, "à medida que se repete o impulso, as sinapses vão se produzindo mais rapidamente, até que a resistência chega a desaparecer por completo. Os impulsos correm por um canal aberto e os movimentos se executam sem tropeço". (FAYARD, 1975, p. 98)

Decorre daí que, essa intrincada rede de compartilhamento de informações também forma um sistema que é capaz de inferir e produzir cognição, associações e comparações. Diz Steven Pinker (2002, p. 36) que "da mesma forma que todos os livros são fisicamente apenas combinações diferentes dos mesmos setenta e tantos caracteres", e que um número finito de notas musicais não significa o mundo logo ficará sem melodias, (2002, p. 100), os neurônios em número apropriado engendram inumeráveis conexões.

A ideia de compartilhamento de informações, associação e reconhecimento de elementos precisa de um referencial, pois não se pode esquecer que "tudo aquilo que for totalmente incomparável a alguma outra coisa é totalmente inexplicável" (PEIRCE, 2005). Decorre daí o postulado de Steven Pinker, (2002, p. 19) concernente ao módulo mental chamado de *gabarito*, ao asseverar que "nosso cérebro mantém um registro da forma e cada rosto e de tudo o que conhecemos, e mesmo com distorções das mais diversas, esse registro ajusta-se à imagem, identificando-a". (PINKER, 2002, p. 20)

A partir daí, discorre-se que não seria produtivo o acúmulo de trilhões de dados para designar um gabarito diferente para cada objeto no universo, então prodigaliza-se a organização em categorias mediante semelhanças. Steven Pinker (2002, p. 23 e 229) cita a descoberta de Marr (1982), concernente a como a visão processa as imagens do mundo externo e o descreve abstrata e internamente em mentalês descartando as informações irrelevantes.

Levando-se em conta que

o caráter concreto das imagens mentais permite que elas sejam cooptadas no que se refere a reunir tamanho, forma, localização e orientação em um padrão de contornos, em vez de fatorá-los ordenadamente em asserções separadas, os dados conceituais são arquivados e ficam disponíveis para consulta instantânea, pois a mente forma categorias. (PINKER, 2005, p. 310-311)

Isso se dá porque, como "as imagens são fragmentadas, vislum-

bres de partes" são arranjados "em um quadro mental". O processo de captura, compartimentalização, arquivamento, associação e disponibilidade perpassa as seguintes etapas:

As pessoas põem as coisas e as outras pessoas em compartimentos mentais e dão nome a cada compartimento. Também formam conceitos que identificam os agrupamentos na textura correlativa do mundo de acordo com seus vários modos de conhecer, ou teorias indutivas que se adaptam aos principais tipos de entidades do mundo e, a partir daí, instrumentos de inferência, lógica e probabilidades entram em ação. (*Idem, ibidem*, p. 325 e 373)

Na perspectiva de que "a linguagem do pensamento é combinatória, e conceitos elementares podem ser combinados em ideias cada vez mais complexas" (*Idem*, p. 375), e que metáforas podem ser criadas a partir de metáforas, (*Ibidem*, p. 378) então, a engenharia da metáfora ocorre em mentalês e, pode se manifestar em palavras metafóricas monóicas.

## 5. *Manifestação metafórica*

Supostamente, como visto acima, a manifestação linguística da metáfora exige a agregação de dois elementos chamados de *tópico* e *veículo*, *conteúdo primário* e *secundário*, *frame* e *foco*, ou *SS* e *SF* etc. Como diz Dieysa Kanyela Fossile (2015. p. 12), "para ele (Black), a metáfora é o resultado da interação entre as (duas) partes de uma *sentença* metafórica: (a) *tópico*: elemento ou entidade da qual se fala, e (b) *veículo*: entidade que predica algo sobre o *tópico*". Portanto, situa a metáfora como fenômeno da linguagem.

No entanto, pretende-se doravante demonstrar que, como reza a teoria da metáfora conceptual de George Lakoff & Mark Johnson (1980, 2002), as metáforas funcionam no nível do pensamento e, quando são trazidas à luz pela linguagem sentencial, já haviam sido concebidas. Reafirma-se que, embora interacionista, Max Black deixava transparecer sua percepção e anuência cognitivista como afirma Ingrid Finger (1996, p. 50): "Black designa uma forte função cognitiva às metáforas. Elas funcionam como instrumentos cognitivos".

Devido às limitações deste artigo, não se discutirá aqui o que vem a ser *literal* ou *figurativo*. Por motivos de clareza, todavia, tomar-se-á o conceito de que literal seja o sentido primário e o figurativo o secundário. Isto é, primário como o elemento do qual se fala e, secundário, que predica o primário.

Ancorado nesse conceito, na sentença: “O homem é o lobo do homem” (REBOUL, 2004, p. 94), tem-se *homem*, do qual se fala algo, sendo o tópico, portanto literal, e *lobo*, assumindo o papel metafórico sendo o veículo, que predica o assunto primário. Nesse exemplo, identificam-se claramente tópico e veículo, mas, o que se pode dizer do exemplo abaixo:

Era uma gaiola arredondada! Suas grades pareciam envolver uma espécie de trevo metálico com quatro pétalas encravadas nas bordas de uma esfera que as fazia girar tão rapidamente que davam a impressão de uma nuvem de poeira cinza brincava de ciranda cirandinha ali dentro da jaula. Atrás dessa esfera, havia um mancal preso à parede. Assim como um passarinho olha assustado para um lado e para outro, a gaiola oscilava da direita para a esquerda e, depois da esquerda para a direita, assoprando uma brisa que não podia ficar encarcerada junto ao trevo no interior das grades entrelaçadas. (NASCIMENTO NETO, 2003)

Observe-se que o texto apresenta a predicação de um ventilador de parede, porém em nenhum momento menciona esse tópico. No entanto, durante a leitura atenta, integraliza-se mentalmente o mosaico dessa imagem. Há veículo, porém não está explícito o tópico. O mesmo acontece com o seguinte texto:

Existem no topo desse grande cubo metálico branco, quatro tochas e uma enorme grade negra que as circundava formando quarteirões. Sua barriga é uma sauna de 400° graus. Dentro dela, o estrepitar de ossos já esturricados sonoriza algo similar a uma valsa lenta. Um galináceo despido dança suavemente ao centro sob a luz oriunda do fundo desse túnel. O calor faz exalar um aroma de gordura derretida, mas, é do lado de fora que um filhote de elefante estende sua tromba amarela como que tocando o lado do prédio. Mesmo respirando fundo, reprime flatos em fluxo contínuo para manter a chama das tochas e o funcionamento da sauna. Há um chapéu retangular de vidro pronto para cobrir a grade superior e as tochas. Sobre uma dessas chaminés, há um caldeirão tocando apito de fábrica, esse apito gira sobre um pino perfurado ao meio como vulcão.

Novamente, esta descrição metaforiza um fogão, porém, apenas exhibe o veículo, sendo o tópico cristalizado no pensamento. Tópico e veículo não estão expressos no texto. Mesmo assim ocorre uma metáfora.

Nos estudos da biologia, há encontrados casos de autofecundação. Isto é, uma fecundação que ocorre entre gametas produzidos pelo mesmo organismo. Certos vegetais e as tênias são monoicos, ou seja, são organismos hermafroditas, possuem em si os dois gametas responsáveis pela reprodução. Por analogia, no que concerne à metáfora, este artigo entende que há palavras que encerram em si mesmas tópico e veículo implícitos. Portanto são metáforas monoicas. Observem-se as palavras abaixo.

Elas apresentam o princípio de

uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança, porém, sua etimologia encapsula os elementos associativos do tipo: como, assim como, semelhante a, similar, tal qual, comparável à, equivalente, homogêneo, correlato a, igual, idêntico, análogo, símile de, que lembra a, ou parecido com etc.,

que podem ser facilmente entrepostos entre tópico e veículo mentais, e é o que deve ter acontecido durante o processo onomasiológico.

Os dicionários etimológicos de Oliver Hazard Perry Pepper (1949), Henry Alan Skinner (1963) e Simões (2014) apresentam os elementos associativos envolvidos na formação onomástica de algumas palavras empregadas na medicina. A seguir, algumas delas são apresentadas como veículos pospostos a seus tópicos inferidos da etimologia. Entremeiavam-se os elementos comparativos para ressaltar sua associação mental.

1. *Alantoide*: Estrutura ligada à parte posterior do intestino do embrião. Deriva do grego *allas*, salsicha. Portanto, *a estrutura ligada à parte posterior do intestino* (tópico) assemelha-se à *salsicha* (veículo).
2. *Ameboide*: do grego *amoib(é)*, ameba e *eid*, tem aspecto de, parecido com. Que se parece com uma ameba.
3. *Acanhado*: do latim *canis*, cão. Se porta como cão.
4. Espermatozoide do grego *sperma*, semente. Portanto, aquilo que tem forma de semente.
5. *Lentes*: semelhante a lentilha.
6. *Câncer*: do latim *cancrium*, caranguejo. Do termo grego *Karkinos*, que significa “caranguejo”. As veias que rodeiam um tumor se pareciam com as patas de um caranguejo.
7. *Boca*: do latim *bucca*, a cavidade oral. O termo foi provavelmente assimilado do hebreu *bukkah*, que tinha o sentido de vazio, oco. Parece com um buraco.
8. *Placenta*: do grego *plakuos*, nome que se dava na Grécia a um bolo achatado e arredondado. A raiz *plak*, tem origem indo-europeu e indica uma forma achatada. Portanto, placenta lembra um bolo achatado.

9. *Piloro*: do grego *pylorus*, guarda do portão, derivado de *pyle*. Dessa forma, o canal de saída do estômago é similar à um portão.
10. *Seios*: do latim *sinus*, bolso, vela de barco, arco, espaço oco. A palavra *sinus* em latim tinha o sentido de “oco, escavado” ou “encurvado e saliente”. Assim, seio é comparável à um bolso ou vela de barco.
11. *Pênis*: do latim *cauda*. O órgão masculino, quando pendente, teria semelhança com uma cauda. Entre os romanos, uma palavra popular para pênis era *gladius*, espada. Daí derivou, por extensão, o nome vagina, bainha.
12. *Vagina* do latim *vagina*, bainha ou vagem. Portanto, genitália feminina tem o aspecto de uma bainha.
13. *Amígdalas*: do grego, *amygdalè*, *amêndoa*. Então, estruturas semelhantes às amêndoas.

## 6. *Considerações finais*

Diante do proscênio de elementos aqui apresentados, é possível inferir que o cérebro, sendo o centro de controle do pensamento, da cognição, da linguagem entre outros, articula a produção de metáforas. O cérebro tem sua base de processamento da cognição mediante um trabalho de associações que se viabilizam por meio de sinapses na rede neural.

Sendo o sistema conceptual do pensamento fundamentalmente metafórico, então, o cérebro pensa metaforicamente, porém, sua linguagem é muito mais rápida e associada que a linguagem verbal. Tal comportamento comunicativo interno do cérebro é chamado de mentais.

A trajetória cronológica das contribuições dos teóricos da metáfora tem demonstrado que o conceito primário de que uma metáfora seja "uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança" tem se mantido inalterado. No entanto, novas investigações e estudos trouxeram crescimento quanto às funções da metáfora e sua produção, não cabendo mais apenas a ideia aristotélica de modo de ornamento da linguagem.

Em geral, embora os autores pareçam homologar a ideia de que a condição binária da metáfora expressa na sentença seja *sine qua non* para

sua compreensão, muitos deles deixam exalar um viés cognitivo, onde a ocorrência da metáfora seja no pensamento.

Dessa forma, é possível que tópico e veículo preexistam nos processos mentais e não precisem ser expressos paralelamente para que ocorram metáforas linguísticas. Portanto, seria perfeitamente possível, haver palavras metafóricas monoicas, isto é, palavras que incorporem immanentemente o tópico e o veículo.

O elemento pedagógico da metáfora é proativo. Diz Oliver Rebooul (2004, p. 222) que as metáforas são clássicas em toda linguagem educacional. Deve ser por esse motivo que as metáforas típicas e atípicas de Jesus de Nazaré tenham resistido aos séculos, permanecendo vívidas na mente de milhões de pessoas até os dias atuais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad.: Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1996.

BLACK, Max. Metaphor. In: \_\_\_\_\_. *Models and metaphor*. Ithaca: Cornell University Press, cap. 3, 1962.

\_\_\_\_\_. Como as metáforas funcionam: uma resposta a D. Davidson. In: SACKS, Sheldon. (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: Educ, 1992.

\_\_\_\_\_. More about metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *Modelos y metáforas*. Madrid: Tecnos, 1966.

BOAS, Gislaíne Aparecida de Vilas. *Metáforas conceptuais de tempo, vida e morte na construção colaborativa das leituras de um texto literário*. 2010.

COIMBRA, Rosa Lúcia. *A linguagem metafórica*. 1999. Tese (Doutorado em Letras/Linguística). – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade de Aveiro, Aveiro.

CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Trad.: Marco Antonio Sant'Ana. São Paulo: Unesp, 2005.

FAYARD, Marcelo I. *A chave da felicidade e a saúde mental*. 7. ed. São Paulo: CPB, 1975.

- FINGER, Ingrid. *Metáfora e significação*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- FOSSILE, Dieysa Kanyela. Interpretação de metáforas com verbos de mudança de estado. *Revista Ciências e Cognição*. Rio de Janeiro, vol. 13, n. 3, p. 187-198, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Metáforas verbais*. Um estudo analítico descritivo. Palmas: Eduft, 2015.
- \_\_\_\_\_. Semântica & pragmática: campos in/dependentes. *Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade de Guaiará*, Guarapuava, vol. 1, n. 2, p. 40-58, 2009.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad.: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- MARINO JR., Raul. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana*. São Paulo: Gente, 2005.
- MOURA, Heronides Maurílio de Melo. Metáfora: das palavras aos conceitos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, vol. 40, n. 139, p. 51-69, 2005.
- \_\_\_\_\_. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. *Revista Veredas*, vol. 6, n. 1, p. 153-161, 2002.
- \_\_\_\_\_. The conceptual and the linguistic factors in the use of metaphors. *DELTA*. São Paulo, vol. 22, n. especial, p. 81-94, 2006.
- NASCIMENTO NETO, Reginaldo. *The Interactive Synapse in English*. São Luis: Edugraf, 2003.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiotica*. 3. ed. São Paulo. Perspectiva, 2005.
- PEPPER, Oliver Hazard Perry. *Medical etymology*. Philadelphia: Saunders, 1949.
- PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. 2. ed. 4. reimpr. Trad.: Laura Teixeira Mota. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- REBOUL, Oliver. *Introdução à retórica*. Trad.: Icone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2005.
- RICHARDS, Ivor Armstrong. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SEARLE, John. Metaphor. In: ORTONY, Andrew. (Ed.). *Metaphor and Thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University, 1993, p. 83-111.

SEARLE, John R. *Metaphor and thought*. Cambridge. 2002.

SKINNER, Henry Alan. *The origin of medical terms*. Baltimore: Williams & Wilkins, 1963.

WERE, Louis F. *The certainty of the third angel's message*. Michigan: First Impressions, 1979.